



QUEM SOMOS? A HISTÓRIA DO CAMPO DE SISTEMA DE INFORMAÇÃO NO BRASIL

WHO ARE WE? HISTORY OF THE INFORMATION SYSTEM FIELD IN BRAZIL

Gicele Fernandes Martins Dantas¹

 0000-0001-7081-2221

Aldo Leonardo Cunha Callado²

 0000-0002-5393-6094

RESUMO

Este artigo buscou compreender o processo histórico de introdução do campo acadêmico de Sistema de Informação no Brasil. A pesquisa realizou entrevistas com 17 docentes e pesquisadores seniores de SI nos anos de 2016 e 2017. As variáveis investigadas na pesquisa foram o processo histórico, as influências, os papéis e as instituições que compreendem o arcabouço conceitual da identidade social histórica. Após a análise de conteúdo as respostas foram agrupadas por frequência elencando um conjunto representativo de informações para estruturação de como se deu o processo histórico, tornando explícito atributos considerados representativos da história do campo por seus membros. Os resultados revelaram que durante o processo de introdução do campo de SI no Brasil ocorreu uma atuação conjunta de elementos distintos, mas algumas vezes atrelados como programas de pós-graduação, núcleos de pesquisa, instituições de ensino e que foram introduzidas no processo por um conjunto de docentes/pesquisadores responsáveis por estabelecerem o campo acadêmico de SI.

Palavras-Chave: Sistema de informação. Campo científico. Processo histórico.

ABSTRACT

This article aims to understand the historical process of introduction of the academic field of Information System in Brazil. The research conducted interviews with 17 IS teachers and senior researchers in 2016 and 2017. The variables investigated in the research were the historical process, influences, roles and institutions that comprise the conceptual framework of historical social identity. After content analysis the answers were grouped by frequency listing a representative set of information to structure how the historical process took place, making explicit attributes considered representative of the history of the field by its members. The results revealed that during the process of introducing the IS field in Brazil, there was a joint action of distinct elements, but

Artigo submetido em 06/04/2021 e aceito para publicação em 02/06/2022.

¹ Docente Graduação e Pós-Graduação em Administração e Coordenadora da Pós-Graduação em Gestão de Pessoas do Centro Universitário Unifacisa. Doutora em Administração pela UFPB. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5924934644749161>. E-mail: gicelemartins@yahoo.com.br.

² Professor Associado do Departamento de Finanças e Contabilidade da Universidade Federal da Paraíba. Docente Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) e em Ciências Contábeis (PPGCC) da Universidade Federal da Paraíba e no Programa de Pós-Graduação em Controladoria (PPGC) da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Doutor em Agronegócios pela UFRGS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2210545587344776>. E-mail: aldocallado@yahoo.com.br.

sometimes linked as postgraduate programs, research centers, educational institutions and that were introduced into the process by a group professors/researchers responsible for establishing the academic field of IS.

Keywords: *Information system. Scientific field. Historical process.*

1 INTRODUÇÃO

O progresso de uma área de conhecimento está diretamente relacionado à capacidade de refutar e refinar as teorias que expliquem os fenômenos que correspondem ao seu domínio (POPPER, 1989). Tomando como base essa afirmação, entende-se como premissa de um campo, a delimitação do seu escopo. Torna-se imprescindível o reconhecimento dos elementos e das relações existentes na manifestação desse fenômeno no processo de compreensão e explicação, e a clareza de qual domínio representa um campo para que se possa refutar ou refinar as teorias aplicadas ou desenvolvidas em seu contexto. Portanto, como um campo de conhecimento pode perpetua-se sobre a afirmação de que sua natureza impossibilita a delimitação?

Os argumentos explicativos para a ausência de identidade utilizada na área de conhecimento de Sistema de Informação-SI, nas décadas de 1980 e 1990, quando o campo ainda era considerado novo não são mais suficientes atualmente. Bakshi e Krishna (2007) questionam até quando será utilizado o argumento de ser um campo novel para explicar a ausência de delimitação, e sugerem que a comunidade passe a buscar por explicações atuais sobre a falta de estabelecimento de um domínio de atuação.

As discussões que circundam nos últimos 30 anos a área de SI apresentam direta ou indiretamente elementos associados a uma possível crise de identidade. A partir desse conjunto de elementos apresentados como problemas crônicos em artigos e debates reflexivos sobre a área nos últimos tempos, toma-se como aprendizado que proposituras de soluções em curto prazo não têm alcançado êxito. Novos direcionamentos devem ser dados, sendo menos centrados no problema em questão e mais focado em ações coletivas e homogêneas em vistas de identificar e auferir as expectativas dos membros usufruindo das “capacidades básicas” e “aptidões” para construir uma cultura própria (AVITAL, 2014).

Em âmbito nacional, a complexidade aumenta, pois além dos dilemas enfrentados pela comunidade internacional, o Brasil tem que conciliar a adoção de SI como subárea de computação e os seus estudos aplicados serem em administração (LUCIANO et al, 2015). Essa questão se torna um complicador, pois embora essa contenda ocorra em outros países, no caso do Brasil, a área de SI em administração não tem um delineamento claro sobre si mesmo.

Dessa forma, a estratégia de cooperação adotada nesta pesquisa foi compreender o processo histórico de introdução da área de SI no Brasil, para que possamos refletir e auxiliar no processo de conquista da legitimidade do campo. E para que ocorra a construção da legitimidade do campo é necessário à identificação e compreensão do grupo de fatores que interferiram no decurso desse processo. Sendo assim, tomou-se como base teórica, o conceito de identidade como estratégia estruturada e direcionada para constituição de um delineamento da área de SI em administração.

A identidade deve ser percebida como um processo de construção social. Desta forma, Cuhe (1999) defende o entendimento de uma identidade a partir de um conceito multidimensional, que considera a diversidade uma característica composicional da própria identidade. Deve-se atentar para o fato de não simplificar essa definição em um conceito fixo, acabado e bem delineado. Visto que assim, perder-se-ia a compreensão dos fenômenos de uma “identidade mista” construída por uma heterogeneidade de interpretações ou manipulações dos membros e instituições que compõem o grupo social objeto do delineamento desta identidade.

Buscando estruturar a pesquisa para lhe atribuir um caráter mais científico, tomaram-se elementos elencados por Tajfel (1972); Cuhe (1998); Casttles (1999) e Hogg (2001) como processo, papéis, instituições e influências como referência no delineamento da identidade por intermédio do entendimento de como ocorreu o processo histórico da introdução da área de SI no Brasil.

Esta pesquisa tem como objetivo compreender o processo histórico de introdução da área de SI no Brasil. Essa pesquisa se justifica visto que os caminhos que levam a interpretação do processo de construção estão atrelados aos contextos sociais, que influenciam diretamente o papel dos agentes e como consequência norteiam suas escolhas e suas representações (CUCHE, 1999). Desta forma, descrever os elementos que influenciam a introdução do campo de

SI no Brasil, compreender as redes relacionais criadas a partir das parcerias determinadas pelos contextos sociais e quais foram os impactos dos agentes na construção da história da área foi o percurso escolhido para entendimento de como se deu o processo de histórico de introdução do campo no Brasil foi o percurso escolhido para entendimento de como se deu o processo de histórico de introdução do campo no Brasil.

2 CAMPO DE SISTEMA DE INFORMAÇÃO

O processo de estabelecimento da área de conhecimento sistema de informação deve-se, sobretudo às aplicações das tecnologias da informação nas organizações (LUNARD; RIOS; MAÇADA, 2005). Essa interação entre SI com as organizações inicia-se com a introdução de máquinas de cartão para armazenamento de informações, instrumento auxiliar ao trabalho do departamento de contabilidade. Mas foi nas décadas de 1950 e 1960, período que as operações de tabulação normalmente de responsabilidade de engenheiros migram para os computadores mainframes, e nas décadas que se seguem o apoio das tecnologias de informação (TI), tornam-se essenciais em diversas atividades para maioria dos profissionais de negócios da era do conhecimento (IVES et. al, 2002).

O campo de SI na visão de Grover (2012) deve ser dividido em uma fase “pré- campo” e três fases que se aproximam da delimitação das décadas de 1980, 1990 e 2000. A chamada fase “pré-campo” corresponde a década de 1970, período esse que os direcionamentos eram dados por acadêmicos de outros campos com pesquisa operacional e computação. Nesta fase, pesquisadores como Galbraith, Mason, Mitroff, Argyris e Ackoff promoveram a estruturação da relação entre os sistemas e as organizações.

A década de 1980 é considerada a primeira fase do campo. Nesse período havia a necessidade do campo ganhar credibilidade e com isso um crescente interesse em ser reconhecido como uma área de referência. O padrão de qualidade adotado na pesquisa em SI foi influenciado pelo nível de estruturação de teorias e métodos desenvolvidos nos primeiros estudos do campo de SI pelas disciplinas de referência como gestão organizacional, pesquisa operacional, computação entre outras (BASKERVILLE; MYERS, 2002).

O surgimento do computador pessoal possibilitou o desenvolvimento teórico por meio de estudos sobre tomada de decisão e o usuário final do computador, conseqüentemente ocorreu à diferenciação de SI de outros campos, diante do conjunto de relações postas por novos fenômenos de investigação. O marco histórico desse período se deu com a realização da primeira conferência ICIS (GROVER, 2012).

No período de transição entre as décadas de 1980 e 1990, os estudos em SI contribuíram para o surgimento de novas perspectivas de gerenciamento de SI nas organizações. Essa reestruturação se deu em consequência do aumento de trabalhos desenvolvidos sobre o tema planejamento estratégico de sistemas de informação (RODRIGUES FILHO; LUDMER, 2005).

A segunda fase corresponde à década de 1990. Esse período destaca-se pelo desenvolvimento teórico e metodológico do campo em estudos centrados nas temáticas de vários níveis, desde o comportamento do indivíduo, passando por grupos e organizações até as relações inter-organizacionais (GROVER, 2012). Outro destaque da década de 1990 foi o contínuo aumento da participação de SI nas organizações, assegurando sua posição estratégica ante as mudanças e o impacto econômico que ocasiona as organizações e a sociedade (HOPPEN, 1998).

Uma grande conquista do campo nesta década foi o estabelecimento da Associação de Sistemas de Informação (*Association for Information Systems – AIS*), em 1995, tendo como objetivo a institucionalização da comunidade acadêmica internacional em SI (RODRIGUES FILHO; LUDMER, 2005).

A terceira e última fase desta segmentação corresponde aos anos 2000. Segundo Souza Dias (2008), nesse período ocorre a reafirmação do papel de grande relevância ocupado pelo SI no cotidiano das organizações e pessoas. Ives *et al.* (2002) destacam que a introdução de novas tecnologias de informação e comunicação alteraram o ambiente organizacional e propiciaram novos desafios gerenciais, como a preservação da segurança do complexo e intenso fluxo de dados diante da disseminação do acesso a internet. No entanto, esse ambiente tecnológico trouxe nossos desafios ao campo de SI e desencadeou uma ampliação e fragmentação do seu arcabouço conceitual (GROVER, 2012).

O grande volume de conteúdo relacionado à área, bem como as diversas abordagens de sistemas básicos, as decisões de implantação e o impacto dos

sistemas seja em nível individual, organizacional e industrial, somado a complexidade das relações revelou o quanto o campo é sensível às mudanças que ocorrem no ambiente. Vale ressaltar que o campo se caracteriza por uma variedade de abordagens ontológicas e epistemológicas devido à natureza pluridisciplinar que permanecem ao longo das fases (GROVER, 2012).

Devido à influência das diversas áreas é comum encontrar estudos de SI sendo desenvolvidos em áreas distintas, a exemplo de computação e engenharia. No entanto, na maioria dos países SI encontra-se vinculado à área de ciência social por meio das escolas de negócio. Observando a distribuição mundial do campo de SI, percebe-se uma predominância de pesquisadores de escolas de negócio em periódicos e conferências da América do Norte. No continente europeu há uma distribuição mais heterogênea, sendo os alemães reconhecidos por desenvolverem estudos com um enfoque mais metodológico e SI está mais presente nas escolas de engenharia de *software*; já os britânicos prestam sua contribuição no enfoque sócio técnico (RODRIGUES FILHO; LUDMER, 2005).

Essa distinção auxilia no enriquecimento do pensamento sobre o campo de SI, mas a fragmentação também traz perdas, visto que essa grande variedade de instituições e conseqüentemente de abordagens torna a pesquisa superficial e fraca na Europa. Pode-se afirmar que na América do Norte, o campo de SI é institucionalmente forte devido à unidade da pesquisa e os europeus enriquecem intelectualmente o campo com sua variedade de pensamentos (RODRIGUES FILHO; LUDMER, 2005).

No Brasil, a área de SI se estabeleceu primordialmente nas escolas de negócio. No decorrer dos anos observou-se um aumento na oferta de disciplinas de SI nos cursos de formação superior e pós-graduação em administração. A presença de SI como área temática do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ENANPAD), um dos mais importantes congressos nacionais da área, demonstra um vínculo conceitual positivo (LUNARDI; RIOS; MAÇADA, 2005). Todavia, percebe-se a interação de SI com outras áreas de conhecimento por meio do estabelecimento de seções temáticas em eventos acadêmicos em âmbito nacional, como engenharia da produção no Encontro Nacional de Engenharia de Produção (ENEGEP) e computação no Simpósio Brasileiro de Sistemas de Informação (SBSI) (MACADAR; GRAEML,

2007).

As primeiras escolas de administração no Brasil a introduzirem SI como subárea de conhecimento foram a Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV-EAESP), o Instituto COPPEAD de Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Coppead/UFRJ), a Faculdade de Administração e Economia da Universidade de São Paulo (FEA-USP), e o Programa de Pós-Graduação em Administração da Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGA-UFRGS) (HOPPEN; MEIRELES, 2005).

No final dos anos 1980 e início da década de 1990 funda-se a divisão de ADI da ANPAD destacando como precursores, Norberto Hoppen, Fernando de Souza Meirelles, Donald de Souza Dias e Nicolau Reinhard, ainda na década 1990 normatizam-se os grupos de pesquisa GESID-PPGA/EA/UFRGS (FREITAS *et al.*, 2014).

O processo de fortalecimento de sua identidade ganhou força na década de 1990. Vale ressaltar que o processo de estruturação gerou reflexões e ao tempo que SI se estabelecia como campo neste mesmo período alguns problemas do campo foram temáticas abordadas nas publicações internacionais, como os conflitos existentes no campo de SI, que também são identificados aqui no Brasil (HOPPEN; MEIRELES, 2005). Na literatura nacional são encontrados apelos para um maior empenho da comunidade de SI na consolidação do conhecimento científico, sendo a delimitação dos fenômenos que correspondem ao arcabouço conceitual da área uma das formas de se conquistar esse robustecimento. Visto que, em sua maioria os métodos empregados nas pesquisas científicas de SI não foram elaborados tomando como base as especificidades relativas ao contexto do campo, já que habitualmente são utilizadas metodologias importadas de outras áreas (HOPPEN; MEIRELES, 2005).

Sobre a formação do profissional de SI no Brasil, vale ressaltar que a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) classificam áreas do conhecimento com intuito de aperfeiçoar os processos entre instituições de ensino, pesquisa e inovação e os órgãos gestores da área de ciência e tecnologia. Essa atividade estrutura e disponibiliza informações no que

tange os projetos de pesquisa e recursos humanos, facilitando a unificação de informações na comunicação entre as partes.

A distribuição das áreas de conhecimento segue uma hierarquização em quatro níveis, partindo do mais geral que compreende o 1º nível sendo composta por nove grandes áreas de conhecimento; passando para o 2º nível que abarca quarenta e oito áreas de avaliação da CAPES; no 3º nível estão às subáreas de conhecimento e por fim no 4º nível, o mais específico, compreende as especialidades (CAPES, 2010).

Seguindo essa classificação o campo de SI encontra-se agrupado como subárea da área de avaliação de computação, compondo o grupo de cursos de bacharelado e licenciatura regidos pelo conjunto de diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em computação. Dentre os cursos que compõem o grupo de computação, o bacharelado em SI é o que mais desvia em termos de conteúdo dos demais cursos, no entanto boa parte dos conteúdos sugerida nas diretrizes de SI encontra-se nas diretrizes do curso de administração (Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Computação, Brasil, 2012). Vale ressaltar que SI segundo a classificação de áreas de conhecimento da CAPES e do CNPq não há relação com administração, apenas no artigo 5º que institui as diretrizes curriculares nacionais em administração há uma menção de SI como um conteúdo de formação (MEC, 2012).

O campo de SI é estruturado em bases teóricas e metodológicas de distintas ciências, diante de sua condição novel a área contempla pesquisadores de múltiplas origens como física, química, matemática, psicologia, administração, ciência da computação entre outras. Essa junção de perspectivas teóricas variadas devido à formação básica dos profissionais e estudiosos que atuam em SI resultando em um pluralismo metodológico, teórico e conceitual (GREGOR, 2006).

As influências heterogêneas dificultam a consolidação da natureza de SI e de um entendimento difuso do conhecimento produzido, suscitando a discordância entre acadêmico, profissionais e das diversas áreas que atuam no campo a cerca da fronteira de delimitação do campo e de seus atributos distintivos (HIRSCHEIM; KLEIN, 2003).

As discussões sobre a delimitação da natureza e da essência do campo

estão presentes desde a década de 1970, pois já ocorriam críticas a despeito da influência das diversas ciências e suas consequências. Mas foi na década de 1990 e nos primeiros anos do século XXI que houve uma concentração maior de discussões sobre os conflitos para consolidação do campo e os estudiosos questionaram-se sobre uma possível “crise de identidade” (BENBASAT; ZMUD, 2003; ROBEY, 2003).

Uma discussão presente no processo de consolidação da área de SI envolve a influência de diversas ciências. Alguns autores enaltecem essa característica como é o caso de Robey (1996); outros apontavam como um problema da área como Bembasat e Weber (1996), mas com o passar dos anos, a prevalência das publicações revelou um entendimento de que a pluridisciplinaridade é uma característica definidora do campo (BEMBASAT; ZMUD, 2003).

Um grave erro é entender a diversidade de métodos, teorias, paradigmas e temas de estudo que compõem o campo de SI como algo negativo. O problema é utilizar essas referências de forma fragmentada onde as sub-comunidades trabalham sem comunicação e sem uma referência que as guie em uma mesma direção. Desta forma é indispensável à construção de um núcleo de conhecimento que represente o campo e avance para conter o problema estrutural da fragmentação que prenuncia uma crise (HIRSCHEIM; KLEIN, 2003).

O que promove a inquietação da comunidade científica de SI é como a identidade central da área está se tornando indefinida e reiteradamente produzindo pesquisas superficiais inaptas a explicar manifestações em sistemas baseados e correlacionados a TI. Entre os dilemas para solidificação do campo, encontram-se algumas questões contextualizadas que dificultam a legitimidade: a primeira delas foi o fim das empresas ponto.com que gerou um aperto no mercado de TI e propiciou reflexões a respeito da sua efetiva necessidade, sua viabilidade e se fornece contribuições exclusivas (BEMBASAT, 2003).

Essa discussão de exclusividade remete a capacidade do campo por si só de explicar fenômenos que possivelmente seriam elementos de distinção para a comunidade de SI, construir teorias com base em características particulares do campo, como também desenvolver metodologias específicas para a área que facilitem e até mesmo consigam captar os diversos ângulos e fatores que

representem os fenômenos capazes de compreender a natureza de SI (BEMBASAT, 2003).

Neste caso a identidade será usada como uma ferramenta de reconhecimento e orientação na qual o indivíduo participante da comunidade de SI, observará o conjunto de propriedades do núcleo como: temas, atividades, congressos e metodologias que o representam dentro do ambiente e o faça distinto no ambiente coletivo (ALDRICH, 1999; BEMBASAT, 2003).

A identidade pode ser definida pelo agrupamento de características que distingue uma entidade e a torna diferente de outras entidades. Dentre o conjunto que compõe as qualidades necessárias ao estabelecimento da identidade desta área pode-se citar rigor, relevância, diversidade e núcleo. A reunião de tais características predispõe uma estruturação dos elementos definidores, o estabelecimento de critérios de qualidade, utilidade e acessibilidade da produção do conhecimento do campo de SI (BEMBASAT, 2003; RAGHUPATHI; FRIEDMAN, 2009).

O estabelecimento de um campo reside na sua capacidade de desenvolver produtos do conhecimento rigorosos e relevantes, como também na criação de conhecimentos valiosos e distintos tornando-o uma disciplina de referência, visto que são difíceis de serem replicados por outros campos (GROVER, 2012).

De forma fragmentada diversos pesquisadores apontam essas dimensões como condição mínima para o estabelecimento de um campo. Bakshi e Krishna (2007, p. 137) defendem que “o rigor [...] é uma dimensão importante para qualidade da produção científica, que é fortemente relacionada com a identidade percebida de uma disciplina”. O rigor diz respeito à “construção teórica e conceitual cuidadosa e a observância a estritos ditames metodológicos. A noção de rigor de um trabalho acadêmico também abarca complexidades, pois está submetida a convenções específicas nas comunidades científicas” (MASCARENHAS; ZAMBALDI; MORAES, 2011, p. 266).

Nas últimas duas décadas, a comunidade de SI esteve regularmente desenvolvendo pesquisas para avaliar o campo. Em sua maioria os trabalhos realizados tiveram como foco a análise do rigor e da relevância na produção científica seja descrevendo os métodos e as teorias utilizadas nas pesquisas até avaliando a sua qualidade.

Não obstante a realidade internacional, os trabalhos nacionais na área temática SI desenvolvidos na década de 1990 demonstraram preocupação sobre o rigor necessário para o desenvolvimento de investigações científicas que alcancem elementos definidores de qualidade e relevância acadêmica.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Considerando o objetivo proposto, o instrumento adotado foi o roteiro de entrevista semiestruturado, composto por questões temáticas de construção de identidade histórica do campo de SI. O roteiro foi elaborado tomando como base os requisitos elencados e defendidos por Tajfel (1972); Cuche (1998); Castles (1999); e HOGG (2001) para a construção de uma identidade de grupo para uma melhor compreensão da dimensão histórica foi incluído o critério de pesquisador sênior. A introdução desse critério teve como propósito direcionar a discussão histórica aos membros do campo com maior experiência na área, levando em consideração a antiguidade. A coleta de dados ocorreu oportunamente entre os dias 25 e 28 de setembro durante a realização da Edição XXVIII do Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD) no ano de 2016.

Em um primeiro momento foram contatados os pesquisadores que constam em *rankings* de maior número de publicações e/ou de citações na área de SI resultado das pesquisas desenvolvidas por Lunardi, Rios e Maçada (2005); Freitas, Becker e Marcolin (2014) e Graelm e Macadar (2010). Tomando como assertiva que os autores que se encontram nessa lista são possivelmente os maiores disseminadores de conhecimento na área. Depois de contatados no EnANPAD, os acadêmicos que constavam no *ranking* de maior produção e participavam do evento, esses entrevistados indicavam outros membros; os que participavam do evento foram convidados a contribuir com a pesquisa e ao aceitarem foram entrevistados. Aos que foram indicados e não participavam da 40ª edição do EnANPAD foram encaminhados e-mails convidando os professores e/ou pesquisadores à participação da pesquisa por meio da entrevista juntamente com o restante dos nomes que continham no ranking e não participaram do evento. Nesse último caso, as entrevistas foram realizadas por meio do aplicativo *Skype*.

O processo de coleta de dados se deu ao longo de oito meses, durante o período de setembro de 2016 a abril de 2017 e reuniu 17 docentes seniores oriundos de sete unidades federativas do Brasil e doze instituições de ensino superior no Brasil.

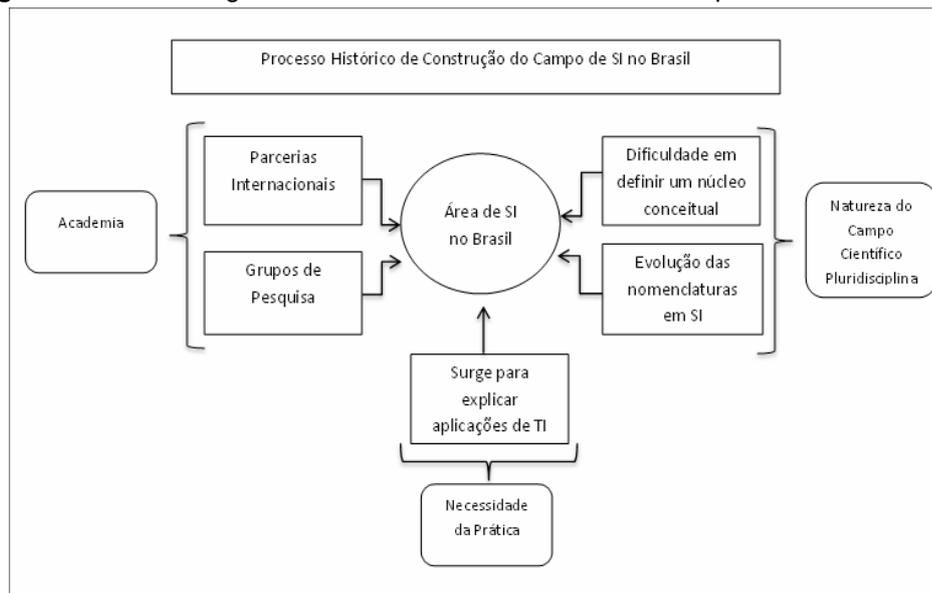
Após a realização das entrevistas foram desenvolvidas as etapas de preparação do material e análise dos dados coletados. Na preparação do material foram realizados três procedimentos, a saber: a transcrição integral das entrevistas, a criação do protocolo individual e o protocolo unificado. A estratégia adotada para tratamento foi a análise de conteúdo que segundo Godoi (2010) pouco se tem de interpretação, visto que há uma forte objetividade no processo devido a uma sistemática descrição dos componentes, podendo-se desconsiderar a influência subjetiva do analista e dos elementos contextuais presentes.

O objetivo da análise de conteúdo de acordo defendida Bardin (2011) é a obtenção de uma classificação do conteúdo das mensagens, contidas nas comunicações escritas ou orais, sendo possível obter por meio da reunião de técnicas de sistematização e objetivação.

4 RESULTADOS

Os resultados da pesquisa revelaram que apesar de o processo de introdução da área de SI no Brasil ter sido realizada por intermediação de dois grandes eixos: o acadêmico e o organizacional (prático), o processo também sofreu interferências e enfrentou dificuldades características da própria natureza pluridisciplinar do campo científico. A Figura 1 comporta o agrupamento de conteúdos desenvolvido nas repostas às entrevistas na categoria “Processo Histórico”.

Figura 1- Rede de Significados do Processo Histórico do Campo de SI no Brasil



Fonte: Elaboração própria (2017).

As respostas indicam que o campo de SI no Brasil na visão dos membros teve seu processo de introdução devido a fatores como a necessidade dos gestores entenderem as aplicações das tecnologias nas organizações.

No eixo organizacional (prático), o campo de SI no Brasil foi introduzido em razão do surgimento de uma necessidade de entender os impactos da introdução da TI das empresas. Sendo assim, muitos profissionais optaram por pesquisar essa parte da área de Processamento de dados ou Engenharia da Computação e suas aplicações. Essa visão menos técnica e unindo pessoas, organizações e tecnologias em um mesmo objeto de estudo, ocasionou uma ruptura, desencadeando uma separação conceitual entre SI e Computação, ao mesmo tempo gerou uma agregação de elementos constitutivos do que seria o alicerce conceitual de SI e até onde ela atuaria.

Historicamente, as tecnologias da informação foram incorporadas às organizações como meio para se conquistar um diferencial competitivo, por intermédio do aumento da eficiência nos processos empresariais, da possibilidade de flexibilizar atividades e diminuir custos de retrabalho, na integração de setores, ou por processos e atividades que reduzem custos e melhora a comunicação. Diante disso, percebe-se que as tecnologias da informação, tornaram-se métodos estratégicos em ambiente organizacionais,

chegando a serem intitulados como “recursos mais importantes do nosso tempo” (GROVER, 2012). De forma incipiente, esse novo recurso despontava na década de 1960 como ferramenta técnica e nas décadas seguintes as tecnologias da informação possibilitavam processamento de grandes volumes de dados e emissão de relatórios gerenciais para suporte a tomada de decisão (IVES, VALAVICH, WATSON, ZMUD et al., 2002).

No Brasil, as questões práticas impulsionam o estabelecimento do campo seja estruturando ambientes de discussões sobre essa temática, como a Sociedade de Usuários de Computadores e Equipamentos Subsidiários (SUCESU), ou na concepção de parcerias entre empresas e universidades como foi o caso da IBM e a UFRJ.

Entre os argumentos mencionados pelos entrevistados para relatar esse processo de introdução, encontra-se os que defendem que o uso dos sistemas de informação nas empresas inicialmente eram vistos de forma isolada. No decorrer da adoção da TI nas organizações, os gestores sentiram a necessidade de entender uma variedade de funções de processamento de dados que surgia. A introdução da série de computador 360 da IBM, somada ao desenvolvimento de circuitos integrados possibilitou a ampliação e diversificação de funções, o que é apontado como elemento determinante na mudança de visão das aplicações tecnológicas. Neste período, as organizações começam a redefinir o papel da TI. Essa transição é marcada pela ampliação do olhar, simplista sobre a automação dos processos para o complexo estabelecimento do “controle da função processamento de dados” (HIRSCHEIM; KLEIN, 2003). Outra linha de argumento defendida pelos entrevistados é de que o processo de introdução do campo de SI no Brasil foi mais um “mimetismo” do que ocorreu em outros países, alegando que no exterior, a atuação da área cresceu nas empresas e esse foi o caminho de separação da computação e estabelecimento de um caminho próprio também no Brasil.

Entre as diversas causas apontadas pelos membros do campo, a que desponta como repetitiva é a de que a área de computação não compreende os elementos necessários para explicação dos fenômenos manifestados da relação tecnologias, organizações e pessoas no seu arcabouço conceitual; por isso, SI se estabelecer como subárea de administração foi um dos caminhos utilizados pelos fundadores e instituições precursoras no Brasil.

Embora no Brasil tenha ocorrido uma forte influência das escolas americanas, o que foi determinante para introdução deste campo na área de administração “[...] aqui no Brasil a área de sistema de informação já nasceu alinhada com este perfil que já chegou aí com este perfil mais americano, ou seja, sistemas de informação mais ligado a área de negócios” (Dados da pesquisa, 2017). Em busca de legitimação, os pesquisadores desse novo campo de Sistema de Informação se ancoraram em metodologias e teorias de áreas mais estabelecidas como Computação e Engenharia o que conduziu as temáticas inicialmente para questões mais técnicas de SI (RODRIGUES FILHO; LUDMER, 2005).

Sobre a natureza do campo científico A esse conjunto de relações, pode-se nomear de interdisciplinaridade, que é o olhar do campo externo sobre as temáticas do campo de SI, e a transdisciplinaridade, onde há um transporte teórico das disciplinas que a influenciam para o campo de SI. Essa rede de relações possibilita visões e aplicações da SI em diversos campos, trazendo tanto contribuições positivas quanto problemáticas. Ao passo que a variedade de pontos de referência, sucinta uma amplitude de visão e com isso uma riqueza de aplicações; essa natureza de influências diversas que acompanha o campo de SI acarreta problemas conceituais, metodológicos e de delimitação de abrangência de atuação (SOUZA DIAS, 2008).

Esses apontamentos levantados geram algumas questões, a saber: afinal até onde o campo é influenciado sendo objeto de estudo? Até onde o campo utiliza teorias e metodologias de outras áreas para explicar fenômenos específicos de SI? Quais os conceitos definidores da área? E quem os definiu?

A comunidade internacional há tempos discute os benefícios e as perdas do uso tradicional e rotineiro de conteúdos da ciência da computação, psicologia, marketing, ciência da informação, mas não há um consenso o quanto a área de SI deve ser “flexível e extensível o suficiente para incorporar diversas ideias de disciplinas externas” (RAGHUPATHI; FRIEDMAN, 2009).

As ausências de delimitação do campo ocasionaram o uso indevido e as multi definições de um mesmo conceito como apontado no grupo pelos respondentes. Que defederam que o processo natural de construção e estabelecimento do que seria a área de atuação de SI, inúmeras terminologias foram sendo adotadas e conseqüentemente readequadas, visto que a

nomenclatura que define uma determinada área, representa o conjunto de competências, de atributos e dos seus limites de atuação. Uma segunda visão defende que o campo ao tempo que delimitava suas competências, separava os papéis das outras áreas e, no decurso dessa construção, os membros nomeavam aquele conjunto de conhecimentos a partir de suas interpretações temporais e culturalmente influenciadas com a realidade contextual.

A comunidade científica de SI representada pelos entrevistados demonstra o caráter instável da identidade do campo, quando toma como referência as nomenclaturas e sua constante mudança. Historicamente, a natureza do campo é formada a partir de várias influências de outras disciplinas. Já o seu processo evolutivo pode ser descrito e compreendido pelo caminho de mudanças, acompanhado de seus significados que seguiram as nomenclaturas cujo objetivo era definir o arcabouço de conhecimento do campo.

Um segundo elemento decisivo na descrição do processo histórico de introdução do campo de SI no Brasil apresentado pelos entrevistados, diz respeito a sua natureza. Somado a evolução e constante mudança das nomenclaturas definidoras do campo no decorrer das últimas três décadas, a necessidade de um núcleo central que reúna um conjunto de características representativas do campo foi apontada como um elemento complicador, e que dificultou o estabelecimento do campo no contexto nacional.

Enquanto não há um conjunto de critérios que represente o coletivo, a comunidade de SI torna o campo evasivo e desenvolve em sua maioria pesquisas superficiais (BENBASAT; ZMUD, 2003). A ausência desse núcleo foi apontada nas entrevistas diante da diversidade de conceitos e da falta de unidade sobre a delimitação do que seja SI. Vale ressaltar que a variedade de denominações também se encontra presente em outros campos e a propositura de solução não determina o fim da diversidade, mas a estruturação de um conjunto central de conceitos representativos do campo. Embora sabia-se que existirão características limítrofes com áreas distintas, ao tempo que também haverá conteúdos difíceis de enquadrar, diante de sua natureza, a área terá uma chamada “zona cinzenta” (JANUZZI; FALSARELLA; SUGAHARA, 2014).

No eixo acadêmico, dois fatores foram determinantes nesse transcurso. As parcerias entre instituições educacionais brasileiras e internacionais. E a criação, estruturação e produção dos grupos de pesquisa científica em SI.

Trilhando o olhar das contribuições acadêmicas, a SI surge no Brasil na década de 1980. Embora só se fortaleça como área na década de 1990, com a formação de grupos de pesquisa e o estabelecimento de canais de discussão dos resultados das pesquisas da área (HOPPEN; MEIRELES, 2005).

Nos relatos dos membros, em sua maioria, encontra-se como referência para criação da área no Brasil a importância das parcerias internacionais como elemento decisivo. No decurso da fundação dessa área no Brasil, essa rede de relacionamento atuou de forma positiva, as parcerias firmadas com instituições educacionais internacionais oportunizaram aos doutorandos e docentes brasileiros o acesso ao conhecimento e a novos olhares sobre a estruturação das áreas científicas. O que de certa forma foi determinante para o desmembramento de SI de computação e sua inserção como subárea em pós-graduações em administração no Brasil.

Os convênios entre as universidades brasileiras e universidades estrangeiras para promoção de programas de mobilidade estudantil, onde o aluno do curso de doutorado de programas de pós-graduação no Brasil poderiam desenvolver atividades em instituições internacionais, foram determinantes para introdução da área no Brasil como subárea de administração.

As instituições que receberam alguns dos fundadores da área detinham em sua estrutura educacional, o campo de conhecimento SI como subárea de administração. O mesmo se concretizou no Brasil na década de 1990, visto que ocorreu um crescente interesse de SI pela academia devido ao surgimento de tecnologias e a rápida evolução e expansão de novas ferramentas tecnológicas de apoio à gestão (HOPPEN, 1998). Embora a maioria dos estudos de SI desenvolvidos no Brasil sejam em escolas de administração, outras áreas como engenharia de produção e informática tem se destacado por desenvolverem trabalhos e eventos científicos sobre esta temática (GRAELM, MACADAR, 2010). Essa possibilidade de estudar as aplicações das tecnologias e seus efeitos nas organizações como meio de conquistar uma vantagem competitiva atraiu diversos profissionais que trabalhavam direta ou indiretamente com SI. O resultado gerou um grupo de formação mista, mas prioritariamente formados por engenheiros.

Continuando no eixo acadêmico, a criação de grupos de pesquisa em SI,

dentro de programas de pós-graduação em administração, corroborou para a afirmação de SI como subárea de administração e possibilitou a ampliação da produção científica definindo áreas de interesse e possibilitando o financiamento de projetos. Com isso, a atração e formação de grupos compostos por bolsistas da graduação, mestrandos, doutorandos e professores de instituições educacionais de ensino superior relacionados ou não aos cursos de pós-graduações.

Aproximadamente na década de 1990, os programas de pós-graduação em administração criaram linhas de pesquisa na área de SI e estruturaram os primeiros centros e núcleos de pesquisa que surgiram entre os anos de 1985 e 1995 (HOPPEN; MEIRELES, 2005). Os pioneiros foram o grupo de Gestão de Informática da FEA-USP em 1985, Centro de Tecnologia de Informação Aplicada (GVCIA) da EAESP- FGV em 1990, o Grupo de Estudos de Sistemas de Informação e Decisão (GESID) do PPGA-UFRGS em 1993. Outras universidades foram se consolidando seus grupos de pesquisa na área de SI a partir de 2003 UFRJ, UFPE, PUCRS, UFSM, UNISINOS, UFRN e FURB (HOPPEN; MEIRELES, 2005; FREITAS et al., 2014, Dados da Pesquisa, 2017)

Em 1985, a Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA/USP) criou o grupo de pesquisa intitulado de Gestão de Informática. Este grupo até hoje é liderado pelo professor Nicolau Reinhard que também desenvolveu pesquisas mais aplicadas devido à sua atuação em paralelo como gestor. Outro Centro de Tecnologia de Informação Aplicada (GVCIA) da Fundação Getúlio Vargas foi fundado em 1990 pelo Prof. Fernando Meireles e atualmente é liderado pelo Prof. Alberto Luiz Albertin. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, os Professores João Luis Becker e Norberto Hoppen fundaram em 1993 o Grupo de Estudos de Sistemas de Informação e Decisão (GESID). Os grupos de pesquisa possibilitam para uma área de conhecimento como SI, o desenvolvimento de e discussões em um ambiente organizado e produtivo, reúnem pesquisadores, financiamentos, linhas e abordagens de pesquisa e cooperam para formação e continuidade de conceitos, métodos e agentes disseminadores de conteúdos desenvolvidos nesse núcleo.

A definição de uma identidade além de ser uma tarefa complexa, necessita de muitas ponderações. Diante da amplitude de abordagens sobre

essa temática, o objetivo desse estudo tem como argumento a proposta de contribuir com a sistematização e compreensão dos atributos culturais que representam o campo de SI no Brasil.

Visto que há uma grande diversidade de atributos culturais que envolvem uma propositura de representação de uma identidade, optou-se por definir quais seriam as dimensões sobre identidade abordadas nesse trabalho. Sendo assim, foram estabelecidas dimensões com o sentido de nortear a condução da pesquisa. Desta forma, necessitou-se identificar com base no arcabouço conceitual de identidade, nas visões do campo de sociologia, psicologia e o próprio campo de SI, quais seriam as dimensões viáveis e representáveis no processo de “delimitação” do estudo aqui proposto.

A dimensão histórica foi adotada com intuito de compreender o processo de introdução do campo de SI no Brasil, a partir de influências, papéis e instituições que foram determinantes nessa condução. Vale ressaltar que dependendo do ponto de vista, ou seja, do olhar de quem descreve o processo, há uma interferência decisiva no produto final da pesquisa.

Ao serem identificados questionamentos na literatura da área apontados pelos próprios membros do campo sobre a identidade de SI, percebeu-se que era necessário iniciar a pesquisa de entendimento do campo, a partir do olhar dos atores sociais que compõem este grupo. De acordo com Castells (1999), os atores sociais têm papel decisivo no processo de construção da identidade, visto que a rede de significados e experiências que representam a identidade de determinado grupo foram os atributos culturais que se relacionaram entre si e se sobressaíram a outras fontes de significado escolhidos a partir do reconhecimento dos membros no grupo ao qual pertence.

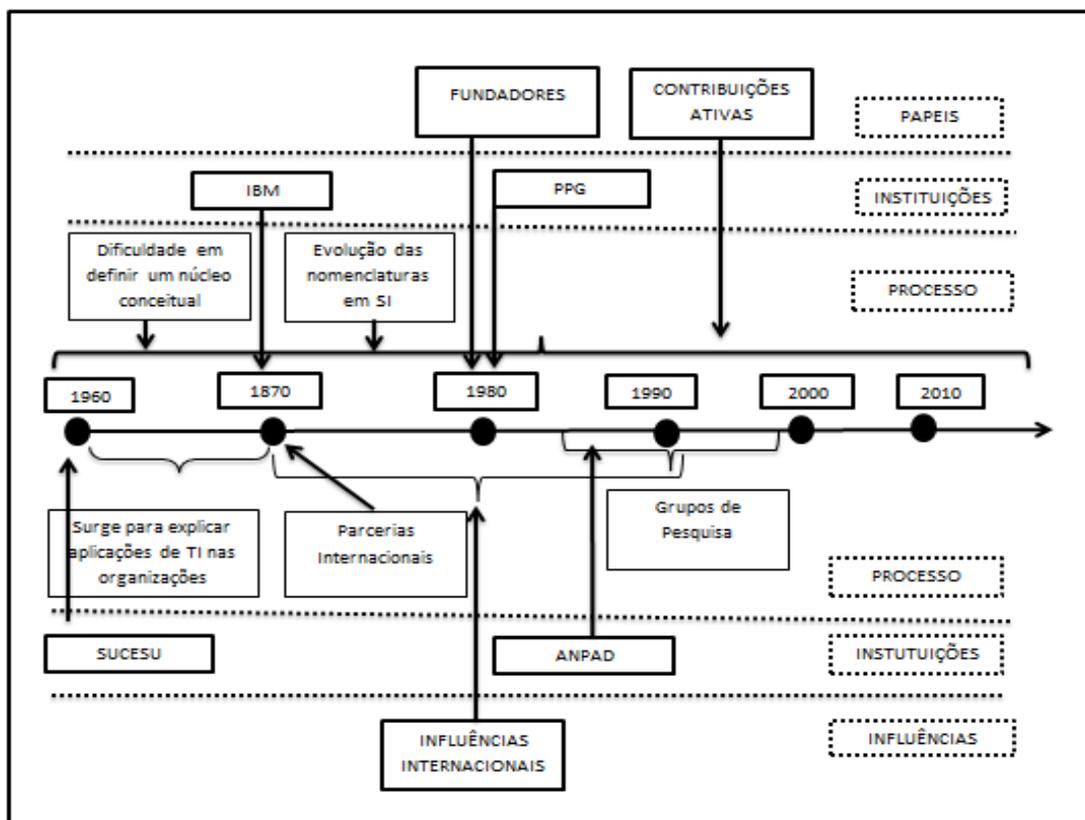
Cuche (1998) acrescenta que “uma identidade é construída no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas”. Esse conjunto de atributos passa a ser a referência para o membro, tendo efeitos sociais internos de reconhecimento e externos de diferenciação para outros grupos.

No decorrer das entrevistas, os atores sociais de SI enumeram atributos que consideram representativos do campo ao longo das últimas cinco décadas. Embora os apontamentos determinem a introdução do campo na década de 1980 no Brasil, ocorreram citações de ações que antecedem este período, visto

que houve um desmembramento da área de computação após ocorrerem às aplicações nas organizações, acontecimento determinante para o entendimento e “delimitação” de que se trata esse campo.

Na década de 1960, as aplicações das tecnologias de informação nas organizações despertam o olhar da comunidade prática sobre seus efeitos na eficiência dos processos. No entanto, ao longo dos anos, os recursos de SI são ampliados em termos de uso. Dessa forma passam a demonstrar relações com áreas mais sociais das empresas. Neste momento surgem fenômenos que não são contemplados pelo arcabouço conceitual de computação. Esses acontecimentos geram questões difíceis de serem respondidas pelo contexto social instalado no Brasil naquele período. Diante desse contexto, a SUCESU surge em 1965, ainda de forma incipiente, mas buscando criar um ambiente de discussão e socialização de pesquisas em vistas de compreender as relações entre o usuário à tecnologia de informação e comunicação. A figura 2 traz uma linha temporal dos elementos determinantes no processo de introdução do campo de SI no Brasil.

Figura 2- Processo Histórico de Introdução do Campo de SI no Brasil



Fonte: Elaboração própria (2017).

Na década de 1970, os encontros da SUCESU passam a ser realizados com frequência e a associação de usuários de tecnologia se torna uma referência nacional na promoção de ambientes de discussão sobre questões que compreendem temáticas do campo. Na mesma década, outra instituição teve papel decisivo para constituição do campo no Brasil, a IBM. Embora tenha sido introduzida no Brasil na década de 1920, foi na década de 1970 que essa empresa de desenvolvimento de tecnologia começou a realizar parcerias com as universidades e a financiar pesquisas contemplando a relação usuário-tecnologia. De forma pioneira, a visão de uma das líderes mundiais em desenvolvimento de tecnologia, a IBM sai do foco restrito das operações e passa a se interessar pelos impactos sociais que envolvem seus produtos e serviços nas organizações.

Com o aumento da adoção de SI, o que era uma questão de aplicação de tecnologia não compreendida pela computação, passa a ser interesse das outras divisões das empresas e conseqüentemente atrai profissionais de diferentes formações. Esse conjunto complexo de relações com áreas diversas determina uma natureza pluridisciplinar do SI, ocasionando efeitos positivos ao possibilitar um olhar amplo e de diferentes perspectivas, dado à formação e atuação dos profissionais interessados nos usos de sistemas de informação e da grande variedade de aplicações.

No entanto, essa diversidade pode ser compreendida de forma negativa, já que para concepção de um campo de conhecimento, faz-se necessário delimitar fronteiras de atuação, identificando e separando claramente quais são os fenômenos de SI e quando ela será usada como abordagem para outra área. Desviando as discussões para um caminho epistemológico sobre o campo, a natureza pluridisciplinar dificulta o reconhecimento de quais são as metodologias e teorias representativas do campo de SI, visto que a influência de áreas mais consolidadas como economia, computação, matemática e administração impõem suas metodologias e teorias mesclando de forma tão dominante as pesquisas desse campo ao ponto de não se compreende e/ou não se desenvolve o que seria núcleo representativo do campo de SI.

De forma global, as pesquisas tentam determinar esse núcleo. No entanto, não se chegou a um consenso entre os seus membros, embora se perceba uma predominância de SI em escolas de negócio, e isso contribui para

dirimir um pouco esses problemas referenciais. No Brasil, há uma subdivisão, embora os cursos de graduações de SI encontrem-se vinculadas às escolas de computação, os cursos de pós-graduação e por consequência no desenvolvimento de pesquisas, a área de conhecimento SI se instala como uma linha de estudo nas escolas de administração.

Esses direcionamentos nacionais tiveram influência direta das parcerias entre universidades brasileiras e as universidades americanas e francesas, que tiveram o intuito de desenvolver pesquisas em conjunto e possibilitar a mobilidade do pesquisador, contribuindo para formação de professores e profissionais brasileiros em escolas de negócio com linhas de pesquisa. Especificamente na década de 1980, um grupo de brasileiros busca formação em doutorado em escolas de negócio com linhas de pesquisa em SI, em países como EUA e França e outros consolidam parcerias. O entendimento do que havia de novo na área em discussões internacionais somados às necessidades locais de compreensão das aplicações nas empresas, propicia o ambiente oportuno para o estabelecimento desse campo de conhecimento no Brasil. O pioneirismo na área é nomeado pelos professores Donaldo de Souza Dias (UFRJ), Nicolau Reinhard (USP), Fernando Meirelles (FGV-EASP); Norberto Hoppen e João Luiz Becker (UFRGS). Cada um conduz essa implantação de forma particular e relacionada ao contexto social que se encontravam inseridos. No entanto, o que uniu os cinco nomes foi o estabelecimento de linhas de pesquisa de SI nos programas de pós-graduação em administração nos quais atuavam. E outra grande conquista do grupo está relacionada com a criação da divisão de Administração da Informação (ADI), representante da área de SI na ANPAD.

Essas duas conquistas propiciaram o ambiente necessário para o desenvolvimento do período de alavancagem do campo, visto que com as linhas de pesquisa formavam-se novos pesquisadores nessa ênfase. Com a criação da divisão de ADI surgiu também um ambiente onde a comunidade se reunia com intuito de apresentar e discutir os resultados de suas pesquisas. Ao passo que essa comunidade de SI cresce são fundados entre as décadas de 1980 e 1990 os primeiros grupos de pesquisa do campo de conhecimento específico sobre SI, que eram vinculados às escolas de administração e passaram a refletir os anseios da comunidade prática e às necessidades da comunidade científica

em suas pesquisas.

Pode-se afirmar que na primeira década dos anos 2000 o campo de SI no Brasil adquire corpo, diante da ampliação dos programas de pós-graduação, da crescente fundação de grupos de pesquisa e do aumento considerável no número de submissões de estudos para a divisão de ADI do EnANPAD.

Possivelmente a fase atual seja a que mais reflete características de um período de consolidação da área. No entanto, há uma reflexão sobre se o que está sendo consolidado representa a comunidade brasileira de SI ou é apenas um mimetismo da comunidade internacional com baixo nível de rigor e relevância e suas pesquisas científicas, insuficiente definição de suas competências e pouca abordagem no ensino e pesquisa sobre as particularidades contextuais nacionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Defende-se nesse trabalho a importância de analisar a identidade do campo de SI no Brasil, assim ter-se-á base para reflexão sobre a trajetória histórica. A história e a delimitação dos elementos que constituem essa categoria social constroem uma identidade a partir das percepções dos próprios atores sociais e possibilitam o acesso a comunidade de SI e demais campos de conhecimento, a um conjunto de características que os definem e os tornam distintos em termos contributivos para perpetuação do campo.

Dados dessa pesquisa revelam que o campo de SI no Brasil segue um processo de construção semelhante ao internacional, o qual sucinta construção a partir da adoção de SI nas organizações, em torno da década de 1960 a SUCESU passa a contribuir com ambientes de reflexão sobre a necessidade de bases conceituais com foco social para compreender os impactos que essa tecnologia causa nas organizações e pessoas. Nesse mesmo foco empresas de desenvolvimento de tecnologias iniciam interesse na década 1970 em financiar projetos de pesquisa que envolva a relação tecnologia, pessoas e organizações, no Brasil a IBM foi uma das percussoras.

A constituição do campo de SI adquiriu robustez com a participação de professores brasileiros em escolas de formação doutoral em SI no exterior, o que despertou interesse em ser introduzido no Brasil. No entanto as influências

foram decisivas para implantação desse campo em escolas de negócio, visto que os doutorados dos percursos foram realizados em instituições prioritariamente americanas que vinculavam SI a gestão. A visão social teve como berço do conhecimento a influência das instituições francesas pelos mesmos motivos mencionados anteriormente somados as parcerias entre instituições nacionais, francesas e americanas para desenvolvimento de pesquisas.

Com isso os conflitos internacionais da natureza fragmentada e não fixada como uma área isolada, em termos de estruturação, também se instalaram no Brasil. A formação do ensino superior está vinculada pelas leis de diretrizes curriculares na área de computação, mas o maior volume de linhas de pesquisa e publicações de SI encontra-se localizadas nas pós-graduações dos departamentos de administração, certamente a influência da formação doutoral dos professores gerou efeitos sobre a estruturação do campo atualmente posta.

Ao longo dos anos o Brasil constrói uma identidade social do campo, estabelecendo ambientes de apresentação e discussão da produção científica; estrutura a formação superior, instala linhas de pesquisa em pós-graduações, amplia, melhora a qualidade e inicia a internacionalização da produção científica, cria grupos de pesquisa para desenvolver o conhecimento nacional da área e foge de estereótipos metodológicos historicamente positivistas. Mas ainda é muito cedo para comemorar, além da irrelevância mencionada anteriormente o rigor teórico-metodológico está comprometido, seja por descrições insuficientes de métodos de pesquisa ou da ausência de utilização de teorias de base no desenvolvimento dos estudos.

O campo necessita construir uma agenda de pesquisa e ambientes de discussão sobre a trajetória do campo. O impacto do painel sobre a história do campo SI realizado no EnANPAD de 2014 foi extremamente positivo, em muitos momentos os membros referem-se ao conteúdo do painel como referência, como elemento de reconhecimento.

REFERÊNCIAS

- ALDRICH, H. **Organizations evolving**. London: Sage Publications, 1999.
- ALTER, S. Work Systems and IT Artifacts –Does the definition matter? **Communications of the Association for Information Systems**, v.17, p.299-313, 2006.
- ALTER, S. 18 Reasons why it-reliant work systems should replace “the it artifact” as the core subject matter of the is field. **Communications of the Association for Information Systems**, v.23, p. 365-394, 2003.
- AVITAL, M. Constructing the Value of Information Systems Research. **Communications of the Association for Information Systems**, v. 34, p.817-822, 2014.
- BASKERVILLE, R. L.; MYERS, M. D. Information Systems as a Reference Discipline. **Management Information Systems Quarterly**, v. 26, n. 1, p. 1-14, 2002.
- BAKSHI, S.; KRISHNA, S. Crisis in the Information Systems Discipline: a reflection. In: AUSTRALASIAN CONFERENCE ON INFORMATION SYSTEMS, 7, 2007, Brisbane. **Proceedings...**Brisbane: ACIS, 2007.
- LUNARDI, G. L.; RIOS, L. R.; MAÇADA, A. C. F. Pesquisa em Sistemas de Informação: uma análise a partir dos artigos publicados no Enanpad e nas principais revistas nacionais de Administração. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 29, 2005, Brasília. **Anais...**Brasília: ANPAD, 2005.
- BECKER, J.; BROCKE, J.V.; HEDDIER, M.; SEIDEL, S. In Search of Information Systems (Grand) Challenges. **Business Information System Engineering**, v. 57, n. 6, p.377–390, 2015.
- BENBASAT, I.; ZMUD, R.W. Empirical research in information systems: The practice of relevance. **Management Information Systems Quarterly**, v.23, n.1, p.3-16, 1999.
- BENBASAT, I. ZMUD, R.W. The Identity Crisis Within the is Discipline: Defining and Communicating the Discipline's Core Properties. **Management Information Systems Quarterly**, v.27, n.2, p.183-194, 2003.
- BENBASAT, I.; WEBER, R. Rethinking “Diversity” in Information Systems Research. **Information Systems Research**, v.7, n.4, p.389-39, 1996.
- BERLATTO, O. A construção da identidade social. **Revista do Curso de Direito da FSG**, v.3 n.5, p.141-151, 2009.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- BOURDIEU, P. **Homo Academicus**. Trad. Peter Collier. Cambridge: Polity Press, 1988.
- Inf. & Soc.:Est., João Pessoa, v.32, 2022.

- CASTELLS, M. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- DAVENPORT, T. H.; MARKUS, M. L. Rigor vs. relevance revisited: Response to Benbasat and Zmud. **Management Information Systems Quarterly**, v. 23, n. 1, p. 19-23, 1999.
- SOUZA DIAS, D. Managers' motivation for using information technology, **Industrial Management & Data Systems**, v. 98, n. 7, p. 338-342, 1998.
- FREITAS, H.; BECKER, J.; MARTENS, C. D. P.; MARCOLIN, C. Sistemas de informação: temas de pesquisa acadêmica no Brasil entre 1994 e 2013. **Revista Eletrônica de Sistemas de Informação**, v. 13, n. 3, p.1-35, 2014.
- GODOI, C. K.; MATTOS, P. L. C. L. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: GODOI, C. K; MELLO, R.B.; SILVA. A. B. (org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- GOUGH, D.; OLIVER, S.; THOMAS, J. **An introduction to systematic reviews**. London: Sage, 2012.
- GRAEML, A. R.; MACIEL, H. F.; MACADAR, M. A. Análise de citações utilizadas em ADI: 10 anos de anais digitais do Enanpad (1997-2006). **Revista de Administração Contemporânea**, v. 14, n. 1, p. 122-148, 2010.
- GREGOR, S. The nature of theory in information systems. **Management Information Systems Quarterly**, v. 3, n.3, p. 611-642, 2006.
- GROVER, V. The Information Systems Field: Making a Case for Maturity and Contribution. **Journal Association Information Systems (JAIS)**, v. 13, n. 4, p. 254-272, 2012.
- HIRSCHHEIM, R.; KLEIN, H. K. Crisis in the IS Field? A Critical Reflection on the State of the Discipline. **Journal of the Association for Information Systems**, v. 4, n. 5, p.237- 29, 2003.
- HO, S. Y.; FRAMPTON, K. A Competency Model for the Information Technology Workforce: Implications for Training and Selection. **Communications of the Association for Information Systems** v. 27, 2010, p. 63-80, 2010.
- HOGG, M. A. A Social Identity Theory of Leadership. **Personality and Social Psychology Review**, v. 5, n. 3, p. 184-200, 2001.
- HOGG, M. A. **Social Psychology**. London: Prentice Hall Europe, 1998.
- HOPPEN, N. Sistemas de Informação no Brasil: uma análise dos artigos científicos dos anos 90. **Revista Contemporânea de Administração**, v. 2, n. 3, p. 151-177, 1998.

HOPPEN, N.; LAPOINTE, L; MOREAU, E. Um Guia para Avaliação de Artigos de Pesquisas em Sistemas de Informação. **Revista Eletrônica de Administração**, v. 2, n. 2, p. 1-34, 1996.

HOPPEN, N.; MEIRELLES, F. Sistemas de informação: um panorama da pesquisa científica entre 1990 e 2003. **Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 1, p.24-35, 2005.

IVES, B.; VALACICH, J.; WATSON, R. T.; ZMUD, R.; ALAVI, M. What every business student needs to know about information systems. **Communications of the Association for Information Systems**, v. 9, p. 467-477, 2002.

KING, J.L.; MYERS, M. D.; RIVARD, S.; SAUNDERS, C.; WEBER, R. What do we like about the IS field? **Communications of the Association for Information Systems**, v. 26, 2010, p. 441-450.

LEE, A. S. Rigor and relevance in MIS research: Beyond the approach of positivism alone. **Management Information Systems Quarterly**, v. 23, n. 1, p. 29-34, 1999.

LUCIANO, E. M.; MACADAR, M. A.; WIEDENHÖFT, G. C. Utilização de teorias em pesquisas na área de administração da informação no Brasil: reflexões iniciais. **Revista Eletrônica de Sistemas de Informação**, v. 14, n. 3, p. 1-19, 2015.

LUNARDI, G. L.; RIOS, L. R.; MAÇADA, A. C. F. Pesquisa em Sistemas de Informação: uma análise a partir dos artigos publicados no Enanpad e nas principais revistas nacionais de Administração. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 29, 2005, Brasília. **Anais...Brasília: ANPAD**, 2005.

LYTTINEN, K. Empirical Research in IS: On the Relevance of Practice in Thinking of IS Research. **Management Information Systems Quarterly**, v. 23, n. 1, p. 25-28, 1999.

MACADAR, M. A., GRAEML, A. R. Refletindo sobre a área de ADI: o que pensam os pesquisadores da área? In: ENCONTRO DE ADMINISTRAÇÃO DA INFORMAÇÃO, 1, 2007, Florianópolis. **Anais...Florianópolis: ANPAD**, 2007.

MASCARENHAS, A. O.; ZAMBALDI, F.; MORAES, E. A. de. Rigor, relevância e desafios da academia em Administração: tensões entre pesquisa e formação profissional. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 51, n. 3, p.265-279, 2011.

NEVO, S.; NEVO, D.; EIN-DOR, P. Thirty years of IS research: Core artifacts and academic identity. **Communications of the Association for Information Systems**, v. 25, p. 221-242, 2009.

PEARSON, J. M.; PEARSON, A.; SHIM, J. P. The Relevance of information System Research: The Practitioner's View. **Information Resources Management Journal**, v.18, n.3, p.50-67, 2005.

POPPER, K. R. **A Lógica da Pesquisa Científica**. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.

RAGHUPATHI V. B. C.; FRIEDMAN, L.W. A Framework for Information Systems Metaresearch: The Quest for Identity. **Communications of the Association for Information Systems**. v. 24, p. 333-350, 2009.

RIBEIRO, E. A. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais**, v. 4, n. 4, p.129-148, 2008.

ROBEY, D. Research Commentary: Diversity in IS: Threat, Promise, and Responsibility. **Information Systems Research**. v.7, n. 4, p. 400-408, 1996.

ROBEY, D.; MARKUS, M. L. Beyond Rigor and Relevance: Producing Consumable Research about Information Systems. **Information Resources Management Journal**, v. 11, n.1, p. 7-9, 1998.

RODRIGUES FILHO, J.; LUDMER, G. Sistema de Informação: que ciência é essa? **Journal of Information Systems and Technology Management**. v. 2, n. 2, p. 151-166. 2005.

ROSEMANN, M.; VESSEY, I. Toward Improving The Relevance of Information Systems Research to Practice: The Role of Applicability Checks. **Management Information Systems Quarterly**, v. 32, n. 1, p. 1-22, 2008.

STRAUB, D.; ANG, S. Rigor and Relevance in IS Research: Redefining the Debate and a Call for Future Research. **Management Information Systems Quarterly**. v 35, n.1, 2011.

TAJFEL, H. **Differentiation between social groups**: Studies in the social psychology of intergroup relations. London: Academic Press, 1978

TAJFEL, H. Social psychology of intergroup relations. **Annual Review of Psychology**, v.33, p.1-39, 1982.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.